



“SEJA HOMEM!”: OS IMPERATIVOS ACERCA DA MASCULINIDADE PROPOSTOS PELO DOCUMENTÁRIO THE MASK YOU LIVE IN

Thaís Santos Cavalcante ¹
Dante Machado Burgos Lima ²

Dra. Xênia Diógenes Benfatti ³

RESUMO

Com base no documentário The Mask You Live In, o presente trabalho propõe uma discussão sobre como é ser homem e como é construída a sua masculinidade, para assim compreender e refletir sobre como se forma essa identidade masculina e como isso afeta aos homens. O método utilizado foi a análise fílmica mais a pesquisa bibliográfica. No documentário, percebeu-se que existem três fatores que mais contribuem para a formação da masculinidade: a negação do feminino, a limitação na expressão de sentimentos e as relações de poder e violência. Esses três fatores contribuem para um ciclo de limitação e negação de subjetividades e desejos dos homens por conta de uma representação criada pela sociedade machista sobre o que é necessário para ser validado como homem. Por fim, concluiu-se como necessário repensar os modelos de masculinidades impostos e a desconstrução do machismo como geradores de mudanças dessa realidade, em que os ganhos serão para todos, homens, mulheres e crianças.

Palavras-chave: Masculinidade, Machismo, Sociedade, Feminismo.

INTRODUÇÃO

“Seja homem”, “isso não é coisa de homem de verdade”, “você tem que ser macho”, “não faça isso pois é coisa de mulherzinha”, “você é viado?”, “você é uma mulher para fazer isso?”, “homem não chora!”, essas e tantas outras asserções são diariamente repetidas no cotidiano da vida de tantos homens. Frases que pedem o tempo todo que eles se afirmem como homens. Mas afinal, o que é ser um homem?

O documentário The Mask You Live In analisa o “ser homem” na contemporaneidade por meio de estudos, opiniões profissionais e experiências pessoais. O documentário explana como se constrói a identidade masculina e quais suas consequências diretas e indiretas na vida dos meninos e dos jovens. O ano de produção foi em 2015, dirigido por Jennifer Siebel Newsom, com duração de 97 minutos e com país de origem os Estados Unidos da América.

¹ Graduado do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - CE, thaiscavalcantee@hotmail.com;

² Graduado do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - CE, dantemachadobl@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutora, Universidade de Fortaleza - CE. xenia@unifor.br;



Um técnico de futebol, um ativista, um professor da escola, um professor em um presídio, alunos, presidiários, psiquiatras, psicólogos, entre vários outros são pessoas que vão, de forma objetiva e esclarecedora, apresentar realidades e questionamentos sobre a(s) masculinidade(s)

A partir do documentário e dos estudos bibliográficos, percebeu-se três importantes fatores que ajudam a construir a chamada “masculinidade”: a negação do feminino, que é a formação do masculino a partir de tudo aquilo que não é feminino; a limitada expressão de sentimentos, pois é ensinado aos homens desde pequenos que a expressão de sentimentos é ligada a um “universo feminino”; e, por fim, as relações de poder e violência, seja ela física ou psicológica, que é uma das formas de afirmação dessa masculinidade mais utilizadas, que mostra quem é mais forte, criando um ciclo que mata não somente homens como também mulheres. A escolha desses três fatores aconteceu por meio das análises feitas a partir das falas que compõem o documentário, as quais mostraram como cada um desses fatores escolhidos perpassa constantemente a construção da identidade masculina e que, também, foram ratificadas com as pesquisas encontradas sobre o tema.

Na sociedade, a desigualdade entre gêneros ainda é observada e há visivelmente uma opressão dos homens para com as mulheres em diversos sentidos, entretanto há uma forma de opressão bastante forte encontrada a partir dessa pesquisa. Foi possível perceber um diferente tipo de opressão, e que pode por muitas vezes passar despercebida, que é a que ocorre entre os homens com eles mesmos, sendo isso também reflexos do patriarcado e do machismo.

Então, para mudar essa situação, é necessária uma reflexão sobre como estão se formando essas identidades de gênero, como e o que é preciso fazer para modificar e flexibilizar essas relações para que os sofrimentos causados por elas, no mínimo, diminuam. Logo, vê-se a necessidade de discutir sobre a identidade e o papel do homem na sociedade, com fins de refletir e conferir como está a situação, quais seus agravantes e consequências para a sociedade.

No presente trabalho, serão trabalhados quais os efeitos do machismo retratado no documentário *The Mask You Live In*, propondo, a partir da análise fílmica, uma exploração acerca das falas de jovens, crianças e profissionais sobre os impactos que o machismo gera na vida e identidade de crianças e jovens.

A referência base desse trabalho será o documentário *The Mask You Live In*, e, nesse sentido, a metodologia vai ser constituída a partir da análise fílmica desse material assim como o referencial teórico e bibliográfico dos artigos e livros encontrados, como Adichie (2015), Scott (1985), Badinter (1993), Kaufman (1987) entre outros.

METODOLOGIA

O artigo teve como objetivo geral analisar, a partir do documentário *The Mask You Live In*, a forma como meninos e homens são criados dentro de uma masculinidade imposta, que deve ser enaltecida a todo momento. Para isso, foi utilizado o método de análise fílmico, que segundo Penafria (2009) vai consistir na decomposição do filme, ou seja, ela vai se dar em dois processos: o de decompôr, ou seja, descrever os elementos do filme; e o de estabelecer e compreender esses elementos, que é basicamente fazer uma análise deles.

E a outra metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, que apresenta como vantagens permitir abranger uma maior gama de fenômenos, pois de outro modo seria difícil ou impossível de serem analisados. Nesse sentido, por ser acompanhado de outros modos de pesquisa, torna sua veracidade e efetividade muito maior, sendo por isso o método de pesquisa mais utilizado (GIL, 2008). Para sua elaboração, esta pesquisa contou com livros e artigos científicos retirados de bases como Scielo e Google Acadêmico, por meio de dados coletados a partir de parâmetros como “machismo”, “gênero”, “homem”, “patriarcado”, “masculinidade”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO MASCULINO E DO PAPEL DE HOMEM

Os papéis definidos aos gêneros são uma construção social que se desenvolveu ao longo da história. Para tanto, analisa-se que, desde o começo da humanidade, o que se entende por “ser homem” e por “ser mulher” modificou-se bastante. As necessidades naturais, sociais, econômicas, entre outras exigiram que houvesse mudanças nas formas de entender o significado de cada gênero. Porém, ainda existem pensamentos cristalizados e naturalizados acerca desses papéis, bem como normas que decidem como cada indivíduo deve ser e deve agir apenas baseado em seu gênero.

Entretanto, antes de tudo, precisa-se fazer uma diferenciação entre sexo e gênero. De acordo com Scott (1985), sexo diz respeito à designação biológica do indivíduo, ou seja, macho-fêmea, enquanto gênero é uma produção cultural, relativa aos papéis como masculino-feminino e os modos de ser e agir desses indivíduos. A noção de gênero é entendida para esta

autora como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos. Essa percepção, por sua vez, está fundada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição relacionada também a outros binarismos como forte/fraco; gordo/magro; branco/negro; heterossexual/homossexual; dominante/dominado (BOURDIEU, 1999). E é no questionamento dessas oposições binárias que se baseia o processo de fixação das identidades de gênero e das identidades sexuais.

Grollmus (2012) também afirma que a masculinidade não é apenas um produto, ela é um processo que foi construído e desenvolvido dentro de sistema de sexo/gênero culturalmente específico que tem como objetivo regular as relações de poder, os papéis sociais e os corpos dos indivíduos. Então, com isso, pode-se afirmar que as desigualdades entre homens e mulheres não são inatas e nascem junto com suas diferenças biológicas, mas sim porque há uma sexualização do nosso corpo enquanto indivíduo, do nosso espaço em sociedade e da nossa história como seres humanos que os dividem em sistemas dicotômicos, como forma de estabelecer uma ordem na sociedade. No documentário, a neurocientista doutora Lise Eliot vai dizer que:

Durante toda a história, teve a história de que homens e mulheres são criaturas fundamentalmente diferentes. Provavelmente veio da Bíblia. Sexo é um termo biológico. Se refere aos cromossomos que você tem. XX para fêmeas e XY para os machos. Gênero é uma construção social. Há expressões de masculinidade e feminilidade e ambos são espectros que tem interseções. (sic)

“SEJA HOMEM!”: A NEGAÇÃO DO FEMININO

A identidade masculina não foi construída por uma afirmação, e sim por uma negação. Isso quer dizer que, desde pequenos, os meninos são ensinados a negar atributos relacionados à mulher, à criança ou ao homossexual (BADINTER, 1993). Isso faz com que meninos rejeitem tudo que está estereotipado como feminino, pois a identidade masculina é construída contrapondo-se ao que é fraco, leve, suave, feminino, ou seja, tudo isso pode ameaçar a masculinidade, como lembra Sabino (2000). No documentário, a doutora Caroline Heldman, que é política, cientista e educadora, diz “A masculinidade não é algo orgânico, é reativa. Não é algo que se desenvolve sozinha. É a rejeição a tudo que é feminino.”

No documentário, o educador e ativista Tony Porter fala exatamente sobre essa representação:

Estava falando com um jogador de futebol de 12 anos, e perguntei “e se o seu treinador dissesse que você joga como uma menina na frente dos outros jogadores?” O menino disse que ficaria arrasado... Se ele ficaria arrasado de ouvir que joga como uma menina, o que estamos ensinando a este menino sobre meninas? (sic)

Nessa fala, percebe-se claramente como se dá essa rejeição do feminino. Sua identidade como homem está sendo envergonhada e negada por ser associado ou comparado a algo “de mulher”. E, infelizmente e provavelmente, esse menino não é o único que se sentiria dessa forma por estar sendo comparado a uma menina ou a algo que remete a um “mundo feminino”.

Logo, Tony Porter, no documentário, afirma que é necessário que seja refletido e questionado sobre o que é ensinado na sociedade sobre meninas e que ideia é essa que está sendo propagada entre os meninos que fazem com que eles se sintam mal, neguem ou escondam qualquer vestígio de sentimento ou comportamento que está associado ao mundo feminino?

A ideia de que se eles (de)mostrarem quem realmente são e/ou o que sentem serão julgados, excluídos e/ou até violentados é muito opressora, como Joe Ehrmann, treinador e formador dos jogadores da NFL, fala no documentário:

A ideia de ser visto como fraco, como mulherzinha perante os outros homens, começa nos primeiros momentos da infância. E continua ao longo de toda a vida tendo que provar aos outros homens que não somos meninas, que não somos mulheres, que não somos gays. (sic)

O relato mostra que, ao longo da vida, os homens vão negando, rejeitando, fugindo, esquivando-se de certos desejos e comportamentos que podem ser atribuídos ao feminino. Isso acontece de forma constante, pois, em qualquer deslize, eles serão julgados e sentenciados como menos homens/macho. Essa é uma pressão que carrega um peso psicológico muito grande: o de ter que ficar constantemente se reafirmando e provando que é macho. Esse é um processo que acontece desde a infância, momento de suas primeiras experiências sociais, e que geram como consequência uma segregação tanto mental como social entre gêneros.

É necessário acabar com essa dicotomia imposta entre feminino/masculino, fêmea/macho e homem/mulher, que coloca um em negação ao outro, no qual um só pode se validar como existência se for contrapondo-se ao outro.

“SEJA HOMEM!”: A RELAÇÃO LIMITADA COM OS SENTIMENTOS

Solnit (2017), em um tópico de seu livro chamado “Todo homem é uma ilha: o silêncio masculino”, cita Bell Hooks quando este diz:

[...] o primeiro ato de violência que o patriarcado exige dos homens não é a violência contra as mulheres. Em vez disso, o patriarcado exige de todos os homens

que pratiquem atos de automutilação psíquica, que mantem suas partes emocionais. Se um indivíduo não conseguir se mutilar emocionalmente, pode ter certeza de que os homens patriarcais encenarão rituais de poder que investirão contra seu amor próprio. (HOOKS apud SOLNIT, 2017, p. 39).

O modelo de sociedade patriarcal exige que, antes de tudo, os homens silenciem si mesmos, antes de silenciar os outros. No documentário, o psicólogo Dr. Michael Thompson diz que “O motivo pelo qual homens são menos propensos a mostrar empatia, menos propensos a mostrar vulnerabilidade e menos propensos a criar filhos dessa forma é que foram socializados assim.” (sic). A socialização do homem se dá dentro de um espectro limitado no campo do “sentir”. Meninos não são ensinados a sentir, a demonstrar emoções, a expressar suas angústias, medos e frustrações.

Porter relata no documentário “Como meninos, aprendemos cedo a reprimir emoções. Não podemos falar sobre medo. Não podemos falar sobre nossas dores. Podemos falar sobre estar furiosos. Podemos falar sobre ter raiva. Não podemos falar sobre tristeza.” (sic). Roman, um dos meninos entrevistados no documentário, diz que “Se você não chora, fica com todas essas emoções presas em você e não consegue soltá-las”, tornando-se uma consequência dessa repressão das emoções

Para Adichie (2015), os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos nas pessoas que é comum elas seguirem o modelo pré-moldado mesmo quando vão contra seus verdadeiros desejos, necessidades e felicidade. Muitas vezes, mães e pais, inconscientemente, começam desde muito cedo a ensinar os seus filhos como devem ser (que as meninas têm mais regras e menos espaços, e os meninos têm mais espaços e menos regras). Desde o nascimento, meninos e meninas são preparados para responderem às expectativas da sociedade em relação ao papel que cada um deve desempenhar. O revólver e o carrinho, simbolizando o espaço público, representam a violência, a decisão, o domínio; a boneca está associada ao trabalho doméstico, à maternidade. As identidades de homens e mulheres são traçadas gerando a necessidade da existência de um “ser” frágil, sensível, dócil, em oposição ao outro “ser” forte, provedor, agressivo, intolerante, reiterando a cultura patriarcal e as assimetrias entre os gêneros (FISCHER e MARQUES, 2001).

No documentário, existem vários relatos de garotos que validam essa realidade, como: “Se me conhecesse de verdade, saberia que quando fico triste, não falo nada sobre isso.” (sic); “Eu escondia meus sentimentos, quando estava triste não falava pra ninguém.” (sic); “Esse mês participei da minha primeira peça aqui no teatro da escola. E pensei ‘como gostaria de ter feito isso antes’. Mas não fazia porque era tabu. Não devia fazer.” (sic); “Não falamos sobre sentimentos na minha casa.” (sic)

Expressar sentimentos, medos, chorar, demonstrar franquezas, resumindo: ser humano em sua totalidade não tem relação direta com ser mulher ou com um determinado sexo biológico. Nenhuma disposição cromossômica, no caso dos homens cisgêneros (XY), mostra e garante uma relação direta entre os comportamentos ditos masculinos e a sua biologia. Muito pelo contrário, os estudos de gênero já mostraram como as diferenças entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas historicamente e como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas (FILHO, 2005).

No documentário, a Dra. Carol Gilligan – psicóloga e educadora – relata algo que a faz ter esperança nessas mudanças acerca dessa compreensão sobre a(s) masculinidade(s):

Eu fiquei muito emocionada com os pais que trouxeram seus filhos de quatro e cinco anos para a escola essa manhã. O fato de como eram afetuosos, amorosos e pacientes com seus filhos. Então perguntei "o que você vê no seu filho que não gostaria que ele perdesse nunca?" E os pais responderam as características expansivas dos filhos, de como eram abertos emocionalmente e como tinham alegria genuína com os amigos. E os pais sentiam que no caminho para a masculinidade, eles mesmos tinham perdido estas qualidades. E o dilema dele era se teriam que silenciar as qualidades que mais valorizavam em seus filhos. Era um dilema muito delicado.

Ainda que seja uma ideia muito forte e que ainda atravessa nossa sociedade de forma intensa, as mudanças estão ocorrendo, os homens que sofrem com esses imperativos da sociedade patriarcal e do machismo, estão agindo com seus filhos de forma diferente.

“SEJA HOMEM!”: AS RELAÇÕES DE PODER E VIOLÊNCIA

No documentário *The Mask You Live In*, segundo o Dr. Michael Thompson, psicólogo:

Meninos e meninas são muito mais humanos e muito mais iguais do que são diferentes. Se você der 50 mil testes psicológicos para meninas, os resultados mostrarão uma curva em forma de sino. Se der os mesmos 50 mil testes psicológicos para meninos, os resultados formarão uma curva de sino de meninos. Se sobrepujar as duas, elas coincidirão em 90%. Tem partes que ficarão para fora dos dois lados e são essas características que alimentam os estereótipos. (sic)

Como dito no decorrer do trabalho, muitos padrões de comportamento associados ao homem e à mulher são reflexos das concepções de gênero produzidas por um determinado contexto histórico e social (GOLDENBERG, 2000).

Como no documentário, o Dr. Terry Kupers afirma:

Como homem jovem, você aprende que um homem deve sempre estar à caça. Um homem deve sempre ser agressivo. Estamos ensinando, consciente e inconscientemente de propósito ou sem querer, a não ver a humanidade nas mulheres. Dessa forma, criamos meninos para se tornarem homens cuja identidade se baseia na rejeição ao feminino e ficamos surpresos quando eles não veem as mulheres como seres humanos completos. (sic)

Solnit (2017) expressa às consequências disso dizendo:

Se é preciso matar a emoção, isso pode converter as mulheres em alvos. Homens menos descentes perseguem a vulnerabilidade porque, ser homem significa aprender a odiar a vulnerabilidade, você vai odiá-la em você e no gênero que a carrega para você. (SOLNIT, 2017, p. 42).

Ou seja, isso que alimenta dentro dos homens um sentimento de desprezo e negação a tudo que é representado e estigmatizado como feminino vai, conseqüentemente, eliminando qualquer sensibilidade, empatia, sentimento ou expressão dentro de si (pois isso não é coisa de homem e sim de mulher), e com o tempo tudo isso aumenta cada vez mais. Caso não haja algo que equilibre, pare ou mostre outros caminhos de ser, isso se expressará na forma de violência, que é a representação daquilo que se odeia e/ou rejeita. Uma das formas que se denota essa relação de poder e domínio é a violência. A violência é algo que não se restringe ao físico, ela pode estar em outros campos, como o psicológico, o sexual e/ou patrimonial 4 (SILVA; SILVA; SANTOS, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que foi exposto no presente trabalho, conclui-se que é preciso mudar esses pensamentos e representações que limitam, violentam e excluem indivíduos que não se enquadram nos modelos de masculinidades impostos pela sociedade. Mulheres morrem e sofrem violências diariamente somente pelo fato de serem mulheres. Os homens são atingidos negativamente e de diversas formas, também, pelas consequências do machismo em suas vidas.

A concepção de homem, macho e da masculinidade corrobora e sustenta um ciclo de violência que impede que meninos construam sua autonomia autêntica e se tornem seguros e capazes de se expressarem genuinamente. A necessidade de precisar estar se (re)afirmando o tempo todo como homem e ter que estar atento ao seu comportamento é adoecedor.

Ter que negar suas vontades e desejos pelo simples fato disso colocar em cheque o seu gênero é algo violento e inadmissível. É necessário discutir sobre essas questões em diversos âmbitos, e perceber que não existe somente uma forma de ser e estar no mundo, e sim várias. Há uma diversidade de identidades e comportamentos, que estão se afirmando e negando o tempo todo, assim como se modificando, pois nada relativo ao ser humano é ou deve ser considerado cristalizado.

Então é preciso colocar o termo “masculinidade” no plural e ensinar que há vários tipos de masculinidades. Que não existem traços de personalidade e comportamento exclusivo de algum gênero. Que a sensibilidade, compaixão, carinho, dor, entre tantos outros 21 sentimentos não são exclusivos das mulheres e sim da condição de ser humano. Não está em genes específicos para cada gênero o seu modo de ser e agir, tudo é uma construção que se desenvolveu ao longo da história da humanidade, e que pode e deve ser modificada, pois o sofrimento causado para ambos os gêneros só aumenta.

Não existe nenhuma mudança na sociedade que não aconteça por parte do diálogo. O “falar sobre algo” propõe e gera muitas reflexões sobre aquilo que se fala e se pensa. E falar sobre o machismo, pensar sobre ele e suas consequências, pode gerar reflexões entre os homens e também com as mulheres sobre essa forma de poder e relação entre homens e mulheres. Modificando, assim, comportamentos, crenças, atitudes e futuros.

Repensar modelos de masculinidades e desconstrução do machismo não é uma mudança e ganho somente para as mulheres. Todos sairão ganhando: homens, mulheres e crianças, podendo, enfim, serem livres para sentirem, serem e agirem da forma como melhor se percebem no mundo. Por fim, toma-se emprestada a fala de Tony Porter no documentário, acerca das mudanças percebidas na sociedade nos comportamentos dos homens.

Os homens estão melhorando, sendo mais carinhosos com seus filhos, falando de amor, de abraço e de beijo. Eles estão muito mais determinados a se envolver na criação de seus filhos e dividir responsabilidades. Então sim, estamos melhorando. O fato de estamos tendo essa conversa é sinal de progresso. Entretanto, não significa que não há muito ainda a se fazer.

Uma das dificuldades nesse processo é identificar e reconhecer em si características que se recrimina. E são óbvias as razões para isso, pois, quem vai se dizer sexista? Quem vai se dizer machista? Entretanto, as nossas instituições e as nossas organizações se reproduzem a partir de modelos e práticas machistas, racistas e homofóbicas. Os antropólogos têm uma metáfora que diz “não tem como você estar dentro de um buraco e tentar puxar você mesmo para cima, exatamente porque você está dentro do buraco”. É nesse sentido que o outro, que está fora do buraco, terá um papel fundamental e importante no processo de colaborar com a desconstrução desse outro em suas dificuldades, ignorâncias, preconceitos, modelos de masculinidades e estereótipos enraizados, que acabam por ter consequências duras na vida desses outros sujeitos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. _____. *Para educar crianças feministas – um manifesto*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro: relação entre homens e mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, XY: *Sobre a identidade masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1948a.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOZON, Michel; GIAMI, Alain. *Les scripts sexuels ou la mise en forme du désir*. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 128, p. 68-72.1, 1999.

COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. 2008. Disponível em: Acesso em: nov. 2017.

CROCHIK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe Editorial, 2006.

FILHO, Almícar Torrrão. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. *Cadernos Pagu*, n. 24, Campinas, 2005.

FISCHER, Izauro Rufino; MARQUES, Fernanda. *Gênero e exclusão social*. Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

GASMAN, Nadine. *ONU Brasil Mulheres. Do We Need to Talk to Men? / Precisamos Falar com os Homens?* Produção executiva: Papo de Homem. 2016. 51 minutos. Disponível em: . Acesso em: nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

GROLLMUS, Nicolas Schongut. *La construcción social de la masculinidad: poder, hegemonía y violencia*. *Psicología, conocimiento y sociedad*, v. 2, n. 2, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. *O macho em crise: Um tema de debate dentro e fora da academia*. In: _____. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JOHNSON, Allan G. *The gender knot: Unravelling our patriarchal legacy*. Philadelphia: Temple University Press, 1997.

KAUFMAN, Michael (Ed). *Beyond Patriarchy: Essays on pleasure, power, and change*. Toronto: Oxford University Press, 1987.

LIMA, Maria Lúcia Chaves; MÉLLO, Ricardo Pimentel. As Vicissitudes da Noção de Gênero: por uma concepção estética e antiessencialista. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 1, jan./jun., 2012.

MCMAHAN,Carolynn A.; SHOOP, Tiffany. Gender portrayals: advertising images of males and females in media. In: American Academy of Advertising Conference. Proceedings (Online). American Academy of Advertising, 2006.

MILNER, Laura M.; HIGGS, Bronwyn. Gender sex-role portrayals in international television advertising over time: The Australian experience. *Journal of Current Issues & Research in Advertising*, v. 26, n. 2, p. 81-95, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEDRADO, Benedito. ONU Brasil Mulheres. Do We Need to Talk to Men? / Precisamos Falar com os Homens? Produção executiva: Papo de Homem. 2016. 51 minutos. Disponível em: . Acesso em: nov. 2017.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes – Conceitos e metodologia (s). In: VI Congresso SOPCOM. 2009.

SABINO, Cesar. Anabolizantes – Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.) *Nu & vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez., 1985.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Direito em foco*, 2012.

SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. *Por uma educação não sexista*. 3. ed. Camtra: Rio de Janeiro, 2016.

SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

VALADARES, Guilherme. Quebrando o silêncio: como os homens se transformam | Guilherme Valadares | TEDxRuaPortugal. Disponível em: . Acesso em: nov. 2017

VELHO, Beatriz Alves. *A mulher anunciada: Um estudo das representações do feminino na propaganda brasileira e norte-americana*. Tese de Doutorado. COPPEAD, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007